

AMÓS OZ

O monte do Mau Conselho

Tradução do hebraico e glossário
Paulo Geiger

Copyright © 1976 by Amós Oz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Har haetsá haraá

The Hill of Evil Counsel

Capa

warrakloureiro

Imagem de capa

Robert Capa © International Center of Photography/ Magnum Photos/ LatinStock.
Israel, junho de 1948.

Preparação

Ana Cecília Água de Melo

Revisão

Valquíria Della Pozza

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oz, Amós

O monte do Mau Conselho / Amós Oz ; tradução do hebraico
e glossário Paulo Geiger. — São Paulo : Companhia das Letras,
2011.

Título original: Har haetsá haraá

ISBN 978-85-359-1973-8

1. Romance israelense (Hebraico) I. Título.

11-10065

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura israelense em hebraico

892.43

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

O monte do Mau Conselho, 7

O senhor Levy, 87

Saudades, 179

1.

Estava escuro. No escuro uma mulher falou: Não estou com medo. Um homem lhe respondeu: Você está com muito medo. E outro homem disse: Silêncio.

Então, pálidas luzes foram acesas em cada lado do palco, abriu-se a cortina e fez-se silêncio.

Em maio de 1946, quando se completou um ano da vitória dos aliados, o Comitê Nacional promoveu uma grande festa no salão do cinema Edison. As paredes estavam enfeitadas com bandeiras da Inglaterra e do Movimento Sionista. Na parte frontal do palco foram dispostos vasos com gladiolos. E pendurou-se uma faixa com um dístico da Bíblia: E HAJA PAZ EM SUAS MURALHAS, TRANQUILIDADE EM SEUS PALÁCIOS.

O governador de Jerusalém subiu ao palco em enérgicas passadas militares e proferiu um breve discurso, no qual inseriu um gracejo sutil, e também leu algumas linhas de Byron. Depois dele veio Moshe Shertok, para expressar em inglês e em hebraico os sentimentos da comunidade judaica. Nas extremidades do salão e junto às entradas para o palco estavam soldados ingleses

com suas boinas vermelhas e com submetralhadoras nas mãos, uma defesa contra a resistência subterrânea. Num camarote se divisava a figura sentada e ereta do alto-comissário, sir Alan Cunningham, e com ele uma pequena comitiva de senhoras e oficiais do Exército. As mulheres tinham nas mãos binóculos de teatro. Um coro de pioneiros em camisas azuis entoou canções de trabalho. Eram melodias russas, e despertavam mais melancolia do que alegria em seus cantores e no público.

Após o coro foi apresentado um filme sobre a ofensiva dos blindados de Montgomery no Deserto Ocidental. Esses blindados levantavam nuvens de poeira, esmagavam debaixo de suas esteiras trincheiras e cercas de arame farpado, espetando com suas antenas o céu cinzento do deserto. O salão foi tomado pelo troar dos canhões e pela exaltação de uma marcha militar.

No meio do filme um murmúrio percorreu os camarotes de honra.

A projeção foi subitamente interrompida. Todas as luzes se acenderam no salão. Alguém levantou a voz, numa admoestação ou num enérgico comando: precisava-se com urgência de um médico.

Na fila número 29 o Pai se levantou imediatamente. Ele fechou o botão superior de sua camisa branca, disse a Hilel num sussurro que cuidasse da Mãe e a tranquilizasse até que a situação se esclarecesse, e como a pular corajosamente para dentro de um prédio em chamas já abria caminho em direção aos degraus da saída.

Constatou-se que lady Bromley, cunhada do alto-comissário, sentira uma fraqueza súbita.

Ela usava um longo vestido branco, e seu rosto estava igualmente branco. O Pai apresentou-se muito rapidamente aos chefes do governo, enquanto pousava em seu ombro o braço inerte dela. Como um gentil cavaleiro a carregar sua bela adormecida,

o Pai levou lady Bromley ao vestiário feminino. Lá fez com que ela se sentasse num banquinho estofado e deu-lhe um copo de água fria. Três altos funcionários ingleses vestidos a rigor correram até ele, cercaram a enferma à direita, à esquerda e atrás e sustentaram sua cabeça quando ela tomou, com dificuldade, um único gole de água. E um coronel idoso em uniforme da Força Aérea tirou um leque da bolsa branca dela, abriu-o com cuidado e abanou-lhe o rosto.

A lady abriu seus olhos cansados. Com uma quase ironia observou por um momento todos os homens que se atarefavam a sua volta. Era muito velha, angulosa, seca como uma ave sedenta, o nariz fino e afilado, a boca contraída numa expressão sardônica.

“E então, doutor”, o coronel dirigiu-se ao Pai num tom desafiador, “e então, o que vai ser agora?”

Ele hesitou um pouco, desculpou-se duas vezes, e subitamente chegou a uma decisão. Curvou-se e desfez com seus dedos finos e bonitos os laços que apertavam o corpete, o que trouxe imediato alívio a lady Bromley. A mão encarquilhada que parecia um pé de galinha ajeitou a borda do vestido. Entre os lábios apertados abriu-se uma fenda, uma espécie de sorriso corrompido, ela cruzou suas velhas pernas e, ao falar, sua voz era cortante e hostil, uma voz de lata:

“É apenas o clima.”

Um dos altos funcionários disse educadamente:

“Minha senhora —”

Mas lady Bromley decidiu ignorá-lo. Dirigiu-se ao Pai com impaciência:

“Tenha a gentileza, jovem, de abrir todas as janelas. Essa aí também. Quero um pouco de ar. Isso, eis aí um bom rapaz.”

Ela falou assim com o Pai porque, em sua camisa branca por fora das calças cáqui, com o colarinho aberto e calçando sandálias bíblicas, ele lhe parecia um criado e não um médico. Ela

passara a juventude entre macacos, jardins e repuxos em Bombaim, na Índia.

Em silêncio, o Pai obedeceu-lhe e abriu uma janela após outra.

O ar do anoitecer jerosolimita penetrou no recinto, e com ele os cheiros de repolho, pinheiros e lixo.

Ele tirou de um bolso um pequeno pacote de primeiros socorros, abriu-o com extremo cuidado na parte marcada com uma linha tracejada e estendeu à lady um comprimido de aspirina. O Pai não sabia como se pronuncia a palavra “enxaqueca” em inglês, por isso disse-a em alemão. Naquele momento provavelmente seus olhos azuis brilhavam numa luz calorosa e otimista por trás dos óculos redondos.

Passados dez minutos, a lady ordenou que a levassem de volta a seu lugar no camarote de honra. Um dos altos funcionários anotou numa caderneta o nome do Pai e seu endereço, e agradeceu-lhe discretamente. Sorriram. Houve uma ligeira hesitação. De repente o funcionário estendeu-lhe a mão, e eles trocaram um aperto de mãos.

O Pai voltou a seu lugar na fileira 29, entre sua mulher e seu filho. Ele disse:

“Não aconteceu nada. Foi só o clima.”

As luzes do salão se apagaram. O general Montgomery tornou a aparecer, cruzando todo o deserto em sua impiedosa perseguição ao general Rommel. A tela se encheu de fogo e de colunas de poeira, e uma tomada mostrava Rommel de perto mordendo com força os lábios sobre um fundo musical de gaita de foles, num entusiasmo que beirava o êxtase.

No fim tocaram-se os hinos, o britânico e o sionista. A festa acabara. Os espectadores saíram do salão do Edison e foram para suas casas. A penumbra da noite desceu de repente sobre Jerusa-

lém. Ao longe se viam colinas escavadas, e sobre elas, aqui e ali, uma torre solitária. Nas encostas distantes, cabanas de pedra espalhadas. Os becos exalavam sombras e murmúrios. Toda a cidade estava envolta em profunda melancolia. As primeiras luzes se acenderam nas janelas. Havia uma tensa expectativa, como se a qualquer momento pudesse eclodir um novo som. Mas só se ouviam os antigos sons por todo lado, o resmungo de uma mulher, o rangido de uma persiana, o miado de um gato excitado entre as latas de lixo de um quintal qualquer. E um sino de muito longe.

Sozinho à janela de sua loja vazia, um belo barbeiro bucariano, em seu avental branco, barbeava o próprio queixo e cantava. Naquele momento, passava pelo cruzamento um jipe inglês de patrulha, sua metralhadora carregada com uma fita de balas de cobre reluzente.

Uma mulher idosa estava sentada num banquinho junto a sua minúscula papelaria, que mais parecia um cubículo. Suas duas mãos, enrugadas como as de um caiador, descansavam pesadamente em seus joelhos. A última luz vespertina emoldurava sua cabeça, e seus lábios se moviam silenciosamente. De dentro do cubículo outra mulher falou em ídiche:

“É muito simples, isso é uma coisa ruim, e não vai acabar bem.”

A velha não respondeu. Nem se mexeu.

Em frente à oficina de passar roupas Ernpreis, um mendigo judeu ortodoxo abordou o Pai, pediu e ganhou uma moeda de dois miles, agradeceu raivosamente a Deus, amaldiçoou duas vezes a Agência Judaica e afugentou um gato vadio com a ponta de sua bengala.

Do leste se ouviu o contínuo soar dos sinos, sinos de toque sonoro e sinos de toque abafado, sinos pravoslavos, sinos anglicanos, sinos gregos, sinos abissínios, romanos, armênios, como se a cidade estivesse assolada por peste ou incêndio. Mas esses sinos

não estavam lá senão para chamar a noite de noite. Uma brisa suave soprou de noroeste, vinda talvez do mar, roçou um pouco as pálidas ramagens das árvores ornamentais que a prefeitura de Jerusalém fizera plantar no aclive da rua Malachi, e tocou com brandura os cachos do menino. Já era noite. Uma ave invisível soltou sua voz, estranha e insistente. Nas fendas dos muros de pedra floresciam manjeronas. A ferrugem se espalhava nas antigas persianas de ferro e nos corrimãos dos balcões. Jerusalém silenciava na última luz do dia.

O menino tornou a acordar no meio da noite, num ataque de asma. O Pai veio descalço para acalmá-lo com uma canção:

*O carneirinho já dormiu
Feche os olhinhos também
O vento falou e sumiu
Já dorme Jerusalém.*

De madrugada os chacais uivavam no uádi abaixo do bairro de Tel Arza. Por trás das paredes o inquilino Mitia gritou enquanto dormia: “Deixem-no! Ele ainda está vivo! *I-a n-iê zna-a-iu!*”. E calou-se. Depois, galos cantaram à distância, na direção de Sannedria e da aldeia árabe de Shuafat. À primeira luz do dia, o Pai vestiu calças cáqui compridas, sandálias e uma camisa azul com bolsos grandes, cuidadosamente passada, e saiu para trabalhar. A Mãe continuou a dormir até que as vizinhas começaram a bater com toda a força seus travesseiros e colchões. Levantou-se então da cama num robe de seda, serviu ao menino um ovo quente, aveia Quaker e chocolate sem nata, e penteou-lhe o cabelo cacheado.

Hilel disse:

“Eu sozinho. E chega.”

Um vidraceiro idoso passou na rua e gritou: “Vidraceiro

profissional! América! Conserta qualquer coisa!”. E as crianças gritavam atrás: “Maluco!”.

Três dias depois o Pai ficou surpreso ao receber um convite dourado endereçado ao casal, para o Baile de Maio no palácio do alto-comissário, no monte do Mau Conselho. No verso do convite o secretário escrevera em inglês que lady Bromley queria com isso expressar ao doutor Kipnis seu profundo sentimento de gratidão e também suas sinceras desculpas, e que o próprio sir Alan manifestara sua admiração.

O Pai não era realmente um médico, e sim um veterinário.